



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

PAULA MARISA SIMON

“QUERIDOS PAES”:
UMA HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR NO OESTE CATARINENSE
ATRAVÉS DAS CARTAS DE ELZA BERTASO À SUA FAMÍLIA

CHAPECÓ
2015

PAULA MARISA SIMON

**“QUERIDOS PAES”:
UMA HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR NO OESTE CATARINENSE
ATRAVÉS DAS CARTAS DE ELZA BERTASO À SUA FAMÍLIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

SIMON, PAULA MARISA
"QUERIDOS PAES":: UMA HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR
NO OESTE CATARINENSE ATRAVÉS DAS CARTAS DE ELZA BERTASO
À SUA FAMÍLIA/ PAULA MARISA SIMON. -- 2015.
46 f.:il.
Orientador: RICARDO MACHADO.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de HISTÓRIA
, , 2015.
1. . I. MACHADO, RICARDO, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

PAULA MARISA SIMON

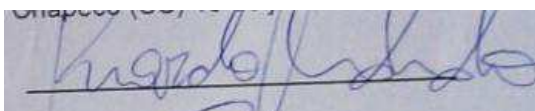
**“QUERIDOS PAES”:
UMA HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR NO OESTE CATARINENSE
ATRAVÉS DAS CARTAS DE ELZA BERTASO À SUA FAMÍLIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

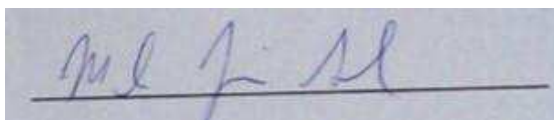
Orientador: Prof. Me. Ricardo Machado

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 19/06/15

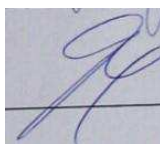
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Ricardo Machado – UFFS



Prof. Dr. Marlon Salomon – UFG



Prof. Dr. Fernando Vojniak – UFFS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos 19 dias do mês de junho de dois mil e quinze, às 11 horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Msc. Ricardo Machado (Orientador)**, **Prof. Dr. Fernando Vojniak** e **Prof. Dr. Marlon Salomon**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura da acadêmica Paula Marisa Simon sob o título: "Queridos paes": uma história da escrita epistolar no Oeste Catarinense através das cartas de Elza Bertaso à sua família, obteve a média final 10 sendo considerada APROVADA.

Chapecó (SC) 19 de junho de 2015.

Orientador (a)

Avaliador 1

Avaliador 2

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres, principalmente aquelas que foram/são mães jovens e não conseguiram concluir seus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que caminharam ao meu lado durante esse processo e que contribuíram para a realização deste trabalho. Meu muito obrigado as minhas colegas e amigas, com quem pude dividir chocolates, desesperos e alegrias. Agradeço aos meus professores, em especial ao meu orientador Ricardo Machado que esteve ao meu lado durante esse momento e que sem ajuda esse projeto não se concretizaria.

Em especial, agradeço a minha família. Ao meu companheiro, pela ajuda e principalmente pela paciência nos meus momentos de crise e a minha amada filha, que com seus sorrisos conseguiu atenuar os piores sentimentos.

As mulheres não escrevem livros sobre os homens — fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois, se tivesse que ler primeiro tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres e, depois, tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloés que floresce uma vez a cada cem anos floresceria duas vezes antes que eu pusesse a pena no papel (WOOLF, 1928, p.35).

RESUMO

Esta monografia pretende examinar o processo de produção e arquivamento das cartas de Elza Bertaso enviadas para seus familiares durante seu período de escolarização interna no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre – RS, nos anos de 1915 a 1918. Filha de uma família proprietária de uma importante empresa responsável pela colonização da região Oeste de Santa Catarina, Elza foi educada a partir das expectativas da elite emergente daquele período. No entanto, em grande parte de sua infância e juventude viveu longe de seus familiares, na medida em que sua educação se deu em colégios internos, por isso o pacto epistolar toma grande importância para a formação da menina e a manutenção de seus vínculos com a família. Recentemente essas correspondências vieram a público quando foram doadas, juntamente com outros documentos familiares e da empresa colonizadora para o CEOM. Aqui nosso intuito é iniciar a problematização dessas cartas, tomando-as em sua própria historicidade, seus processos de produção, arquivamento e posterior monumentalização. Pretendemos demonstrar que estes documentos expressam em sua materialidade elementos de uma escrita íntima e ao mesmo tempo de processos de normatização que passam pela escolarização e internalização de modos de civilidade.

Palavras-chave: Elza Bertaso. Práticas de escrita. Correspondências. Normatização.

ABSTRACT

This paper aims to examine the process of production and archiving of letters Elza Bertaso sent to their families during their internal schooling period in the College of Nossa Senhora do Bom Conselho in Porto Alegre - RS, in the years from 1915 to 1918. Daughter of a family owner of an important company responsible for the colonization of the Oeste of Santa Catarina region, Elza was raised from the expectations of the emerging elite of that period. However, in much of his childhood and youth he lived away from their families, in that his education took place in boarding schools, so the epistolary pact takes great importance to the formation of the girl and maintaining its links with family. Recently these correspondences became public when they were donated along with other family papers and colonizing company for CEOM. Here our aim is to start the questioning of these letters, taking them in his own historicity, their production processes, archiving and later monumentalization. We aim to demonstrate that express these documents in its material elements of an intimate written while the standardization processes that go through education and internalization of civilization modes.

Keywords: Elza Bertaso. Practice writing. Correspondence. Normatization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta transcrita no livro Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó.

Figura 2 - Lady Sealing a Letter (1732) - Jean-Baptiste-Siméon Chardin.

Figura 3 – Detalhe da carta de Elza aos pais, 17 de novembro de 1915.

Figura 4 – Detalhe da carta de Elza a mãe, 12 de novembro de 1916.

Figura 5 – Detalhe da carta de Elza aos pais, 8 de agosto de 1917.

Figura 6 – Detalhe da parte inferior dos papeis utilizados a partir de 1917.

Figura 7: Postal de 23 de julho de 1917 com a imagem do Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Figura 8 - Verso do postal de 23 de julho de 1917 com a imagem do Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Figura 9 - Atestado de julho de 1915.

Figura 10 – Detalhe da carta aos paes 22 de agosto de 1915.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. O USO DAS CORRESPONDÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DA FAMÍLIA BERTASO	15
3. CARTAS DE ELZA À FAMÍLIA E A HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR	20
4. ESCRITA EPISTOLAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA NORMATIZADORA?	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O estudo de cartas e aparecimento no mercado editorial de publicações de correspondências entre personalidades se consolidaram a partir dos anos 1980, juntamente com uma nova perspectiva historiográfica do reflorescimento da narrativa e das pesquisas biográficas e autobiográficas. Esse campo da *escrita de si*, uma representação do sujeito onde ele assuma uma posição reflexiva da sua existência e de seu percurso de vida.

O século XIX foi um marco do crescimento autobiográfico e do desenvolvimento de normas para a educação do eu. As correspondências durante esse período também se popularizaram, deixaram de ser algo masculino para fazer parte da intimidade e cotidiano feminino. As cartas ajudaram na construção da vida privada burguesa, pois transitavam ao mesmo tempo entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Com a popularização desse material, começou a haver uma normatização dos mesmos, com preceitos de forma e conteúdo, conforme a posição social de seus correspondentes. As cartas expressam dimensões culturais do sujeito, uma dimensão de experiências vividas há tempos e em contextos heterogêneos que configuram a construção do sujeito.

As cartas são escritas visando um destinatário e através delas se estabelecem redes de sociabilidade, que ao serem confrontados com outros documentos abrem uma nova perspectiva e ângulos de compreensão da história. A correspondência está inscrita em um tempo e em seu espaço social, tanto o seu conteúdo escrito mostra isso, como as maneiras de arquivamento.

Para o presente trabalho, foi analisado parte do arquivo epistolar da família Bertaso doado ao Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM. Nessa doação constam as correspondências arquivadas pela família residente em Chapecó, enviadas por familiares e amigos. O acervo no CEOM está catalogado por ano, mas devido ao manuseio do mesmo, que é aberto ao público, essa classificação ficou misturada, dificultando a pesquisa. Além disso, as cartas e anexos estão separados no acervo, sem ser possível identificar precisamente a qual correspondência pertence.

Nesta pesquisa foram selecionadas cartas enviadas por Elza Bertaso para seus pais, durante seu período escolar no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre/RS. Há cartas enviadas à sua mãe, a seu pai e para ambos os pais, onde podemos notar sutis diferenças na escrita dependendo do destinatário e também analisar como funcionavam

essas redes de sociabilidade. Esse conjunto de cartas não expressa toda a rede de diálogos mantida pela família durante esse período, pois além da possibilidade de algumas cartas terem sido descartadas ou se perdido com o tempo; também temos acesso somente às cartas recebidas pela família e não pelas respostas enviadas.

Por ser em grande maioria cartas escritas em ambiente escolar, o assunto mais recorrente é o próprio cotidiano de Elza enquanto estudante e a curiosidade em saber como vão seus pais e seus irmãos. Embora não seja evidente, é possível que essas cartas tivessem uma estrutura pré-estabelecida pela instituição, já que estas passavam pela fiscalização da diretora da escola antes de serem enviadas à família. As cartas funcionam como uma tentativa de se aproximar da família, ao contar seu cotidiano convida seu leitor a participar do mesmo e fazer parte da sua intimidade e ao mesmo tempo quer se aproximar mais de sua família, quando pergunta como estão, onde seu pai está, se seu irmãozinho melhorou, etc.

As cartas desvelam a vida privada, o que se revela para a cena pública. Mas estas não mais podem ser consideradas espelhos da realidade; a correspondência é um objeto construído, inscrito no seu tempo e espaço social. As cartas familiares mostram que a rede das relações é indivisível, a conservação desse material e a sua classificação refletem a preocupação das famílias em mostrá-las aos descendentes, em usar seus conteúdos para edificar os herdeiros, muitas vezes funcionando como instrumentos de memória. Além de seu conteúdo, as cartas podem ser analisadas em suas práticas ritualísticas, são apresentadas questões de tempo, de espaço, de finalidade da escritura e os efeitos na correspondência e os membros de uma mesma família são engajados na produção de escrita da sua identidade.

As fontes neste trabalho são analisadas tanto pelo seu conteúdo como por sua construção social refletida na escrita. As cartas enviadas por Elza à sua família nos oferecem informações sobre a sua intimidade familiar e seu cotidiano na escola, modelos sociais de comportamento e convivência, formas de escritas e de *status* a qual sua família fazia parte. De modo macro, as cartas são produtos de seu tempo e mostram detalhes íntimos da sociedade a qual pertence. Estas não podem ser tomadas apenas como uma expressão de sentimentos e colocadas em um patamar de sinceridade, pois ao analisar o conteúdo se percebe as marcas da normatização institucional.

O processo de formação educacional, moral e religiosa proposta pela escola as suas estudantes podem ser encontrados nas cartas, nos boletins e nos atestados avaliativos. Para analisar o papel da instituição educacional como um agente civilizador tomamos a obra “O

Processo Civilizador: Uma História dos Costumes” onde o autor Norbet Elias pensa sobre as mudanças nos costumes e na moral dos indivíduos no período medievo-feudal e os reflexos desses processos na formação do Estado Moderno. Para Elias, o processo de formação deve ser constante no campo das ideias do sujeito, no comportamento e na vida afetiva para o indivíduo ser considerado “civilizado” e é na infância que esses padrões sociais começam a ser estabelecidos.

O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho no qual Elza Bertaso estudou durante os anos de 1915 a 1918 oferecia duas modalidades de ensino: o regime interno e meio período, a menina por ser aluna do regime interno morava na instituição e poderia sair somente no primeiro sábado do mês. Talvez por Elza estudar no regime interno a instituição educacional possa ter ocupado um papel de referência maior na formação, dado ao fato que num regime assim o contato direto com a família é menor do que com as alunas que estudam meio período.

As cartas de Elza expressam os modelos educacionais de sua escola e o sentimento de retorno educacional que ela deveria apresentar à sua família. Para se entender os processos de formação da menina, é preciso contextualizar o período e sociedade na qual ela estava inserida. Para isso, o presente trabalho divide-se da seguinte forma: o primeiro capítulo é dedicado a uma reflexão sobre a família Bertaso, usando como referência o livro de Maria Adelaide Hirsch “Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó”, que usa também cartas de Elza em sua construção e as diferentes abordagens que este material epistolar pode ter. O segundo capítulo centra-se na discussão sobre a história da cultura epistolar e os processos de produção e importância social das cartas, além do papel das cartas na educação de Elza. O terceiro capítulo discute a função normatizadora da escola e como essas normas foram apreendidas pela menina Elza e aparecem em suas cartas.

2. O USO DAS CORRESPONDÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DA FAMÍLIA BERTASO

A família Bertaso é geralmente associada aos feitos de Ernesto Bertaso, um dos proprietários da colonizadora Bertaso, Maia e Cia e ao de seu filho Serafim, nomeado prefeito de Chapecó no ano de 1944 a 1947 que ajudou a desenvolver um modelo de cidade tida como modernista, com avenidas largas e tendo como seu centro a Igreja Católica. Ao realizar um levantamento historiográfico¹, percebe-se que em geral, os pesquisadores que se debruçam sobre a história da região, deram enfoque predominantemente econômico, e na maioria das vezes, preocupado em narrar o progresso da região a partir dos ideais e objetivos da família Bertaso. É comum associar de forma direta a relação da família e colonizadora ao projeto de cidade que Chapecó deveria se tornar, apesar do trabalho de concretização e planejamento ser muito anterior à criação deste município. O Cel. Bertaso buscou investir na formação de seus filhos, provavelmente com intuito de garantir um monopólio político, econômico e também cultural na região de Chapecó, onde sua família residia.

A obra “Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó”, de autoria de Maria Adelaide Hirsch, apresenta alguns elementos em sua construção narrativa retirados das cartas de Elza enviadas à sua família durante sua estada no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. É importante salientar que Maria Adelaide é filha de Elza Bertaso com Paulo Pasquali, e que escreveu este livro para contar aos seus netos sobre a história de Ernesto Bertaso: “O que me motiva é apresentar o triavô Bertaso: seus sonhos, sua luta, sua integridade, seu amor e este recanto de Santa Catarina, onde seus mais antigos e secretos devaneios tomam forma e vida.” (HIRSCH, 2005, p.11). Percebe-se que Hirsch possui um estilo de escrita que se assemelha muito a uma narrativa oral, construída de modo muito apaixonado ao contar a história de sua família, e reproduzindo e construindo uma visão do “grande homem” que considerava ser seu avô. Neste capítulo utilizaremos como principal fonte o livro escrito por Maria Adelaide, que foi publicada no ano de 2005 pela editora Argos, obra de intuito memorialístico que buscou construir uma unidade narrativa da história da família. Neste capítulo tomaremos essa obra como referência, mesmo reconhecendo suas limitações e intenção de escrever a história oficial da família.

Elza era a filha mais velha de Zenaide e Ernesto Bertaso, nasceu em 15 de julho de

¹ Levando em consideração aqui principalmente trabalhos realizados na década de 1980 - 1990 por historiadores no oeste catarinense, como BELLANI, POLLI e PIAZA.

1905 na cidade de Bento Gonçalves – RS. Por ser mulher, recebeu um modelo educacional diferente de seus irmãos homens, mas teve acesso a uma educação formal distinta de outras meninas do mesmo período. Segundo Maria Adelaide Pasquali Hirsch, ao escrever sobre a educação de Elza:

É em 1915 que resolvem mandar a filha Elza, com 9 anos de idade, que estudava em Bento Gonçalves, para Porto Alegre. O estudo no interior, apesar da boa vontade dos professores, é muito fraco. E eles querem o melhor para a menina: escolhem o colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. [...] No internato a vida é diferente. Acostumada com o afeto dos pais e avós, será preciso muita coragem para enfrentar o novo caminho. Zenaide fica com o coração apertado, e a garota, que ainda é uma criança, sente-se perdida, mas não há choros, as duas enfrentam a decisão com coragem. Chegados em Porto Alegre, Ernesto marca todas as roupas da filha com o número 89. Marcelo e José, seus irmãos, é que ficam responsáveis por ela. (2005, p.37).

A cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, era colocada numa posição de polo cultural, por isso o interesse da família em mandar a menina estudar nesta cidade. Na carta enviada a seus pais no dia 03 de abril de 1915, Elza se refere às marcações das roupas e de onde possivelmente veio essa informação usada no livro: “O meu numero no collegio é 89. O papae marcou toda a roupa com o numero 89 ate o celebre vaso com tampa.”²; é nesta carta também que a menina conta à mãe o acordo de seu pai com José sobre os passeios da menina: “O titio José disse que os domingos que sahir do collegio vae buscarme de auto, que luxo em?”³.

As cartas na obra de Maria Adelaide assumem um papel de auxiliar na narração, aparecendo de maneira que agregue informações positivas à construção que exaltassem a personalidade de Ernesto Bertaso e a de uma família unida e amorosa. Um exemplo disso talvez seja o caso da epidemia de gripe espanhola, que no ano de 1918 que afetou a cidade de Porto Alegre também. Acerca disso Hirsch escreve: “[...] um novo horror espalha-se pela Europa: a gripe espanhola, que dizima grande parte do velho continente e chega até o Brasil na sua fúria devastadora.”. Sobre o mesmo tema, a carta de Elza do dia 04 de novembro de 1918 menciona:

Esta tem por fim de te communicar que o collegio fechou, por causa da epidemia. Pede ao papae que venha me buscar quanto antes. Não estou no collegio, estou aqui no hotel. porque já sahiram quase todas as meninas eu fico muito aborrecida no

² BERTASO, E. [carta] 03 de abril de 1915, Porto Alegre-RS [para] BERTASO, Z. 2f.

³ BERTASO, E. [carta] 03 de abril de 1915, Porto Alegre-RS [para] BERTASO, Z. 2f.

collegio sozinha, e mesmo se eu tiver alguma coisa, aqui estarei melhor cuidada. A Madre já passou telegrama para o papae, dizendo que o collegio está fechado, mas penso que vocês não receberam, porque até agora não responderam nada. Peço outra vez que mandem me buscar logo, porque está muito forte a epidemia aqui (BERTASO, E. [carta] 04 de novembro de 1918, Porto Alegre-RS. [para] BERTASO, Z. 1f.)

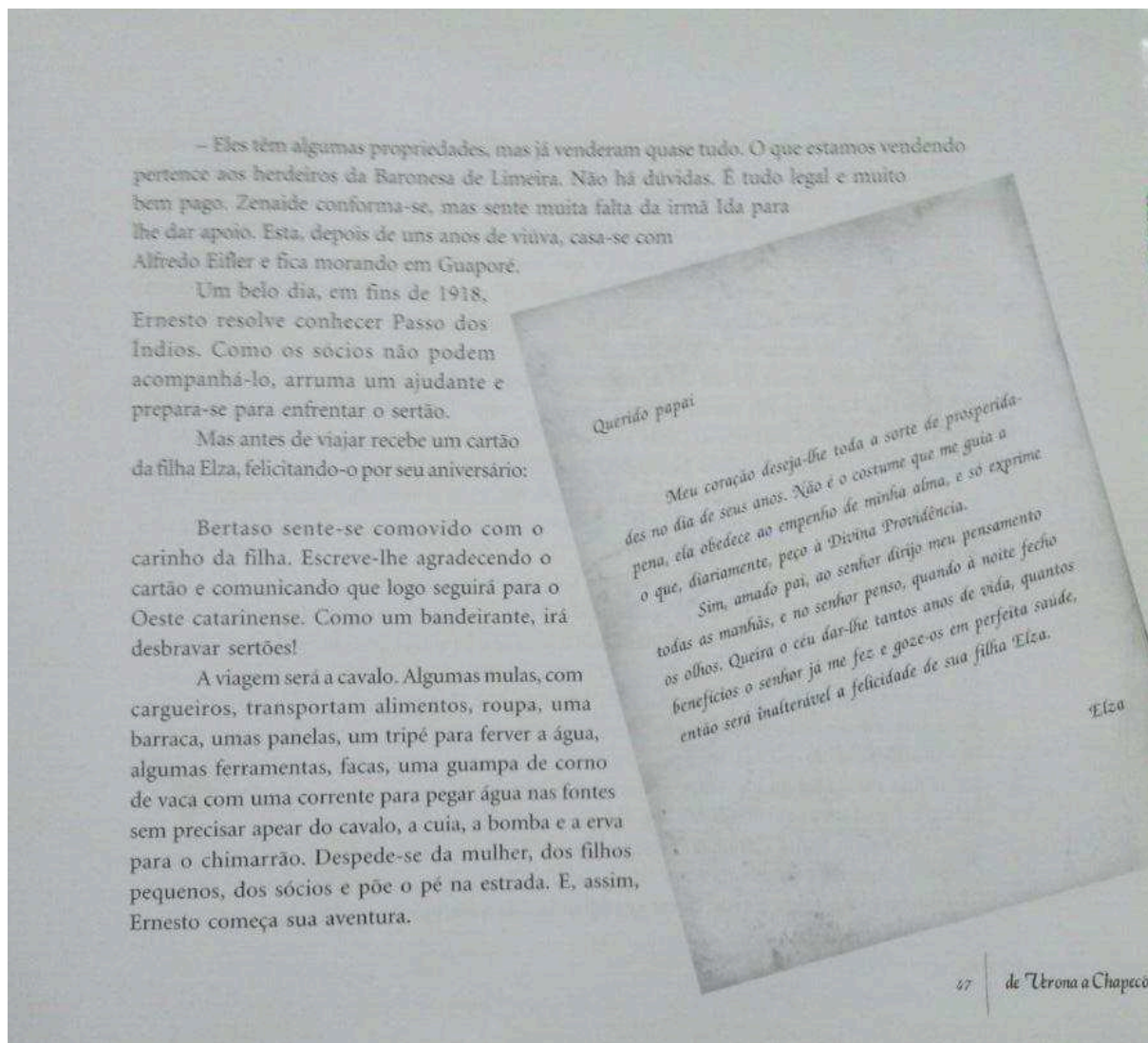
É possível que ao citar diretamente uma carta assim no livro passasse uma impressão de abandono ou despreocupação ao leitor, pois em uma primeira leitura talvez fosse desconsiderada a possibilidade de o telegrama realmente ter se perdido. Além disso, ao comparar as cartas de Elza com algumas informações nota-se confrontos temporais entre o que Maria Adelaide afirma e os conteúdos das cartas. Em sua obra, a autora afirma que ano de 1918, Zenaide e Ernesto Bertaso deixariam Guaporé para morar em Passo Fundo, onde abririam o escritório da empresa e seu filho Serafim estudaria, Elza seria enviada a Curitiba para concluir seus estudos, mas:

Antes da mudança, sofrem um duro golpe. O pequeno Ari, com três anos de idade, começa a ter febre, dor de garganta e de ouvido – parece uma gripe muito forte. O menino chora de dor de cabeça, e finalmente os médicos chegam a uma conclusão: é meningite, o que significa uma sentença de morte. Não há tratamento. É tudo muito rápido. Ernesto estava em Porto Alegre, para onde tinha ido a fim de pegar um trem para levar a filha a Curitiba, e encontra-se no hotel do irmão Marcelo quando chega a notícia da gravidade da doença do menino (2005, p.45).

As informações citadas por Hirsch constam nas correspondências, com alguns fatos diferentes. Talvez ao escolher por uma escrita cronológica a autora tenha optado por condensar informações, mas com isso algumas alterações foram construídas de forma distinta do que Elza consta nas cartas. Pelas cartas de Elza, sabe-se que Ari Bertaso morreu entre março de abril de 1918, pois é na carta de 06 de abril de 1918 que ela manda sua mensagem de condolências à sua mãe, mas nesta mesma carta não é citado em nenhum momento a presença de seu pai como era de costume a menina fazer sempre que seu pai a visitava; além disso, Elza não foi para a escola de Curitiba neste período, pois há cartas enviadas do Colégio Bom Conselho até novembro de 1918.

Além de usufruir das informações expostas nos conteúdos das cartas, Hirsch utiliza uma transcrição inteira de uma carta em seu livro em forma de imagem (Figura 1). Nota-se pela imagem que a autora preferiu subtrair elementos fundamentais na construção de uma carta, que são a data e local de produção, que são informações essenciais para a produção deste tipo de material.

Figura 1 – Carta transcrita no livro “Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó”



Fonte: HIRSCH, 2005, p.47

O livro de Hirsch, assim como esta pesquisa, optou por uma seleção no mesmo *corpus* de cartas, embora não seja possível afirmar que as mesmas cartas tenham sido lidas nas duas pesquisas. Na obra, a autora coloca o conteúdo das correspondências numa posição de sinceridade, sem levar em consideração “que a sinceridade, como os demais sentimentos, fosse submetida a mecanismos de contenção e aceitação social.” (GOMES, 2004, p.17). Além da tentativa de um estreitamento de laços afetivos e de comunicação, essas cartas são construções sociais normatizadas, resultados de uma prática cultural estabelecida socialmente que se manifesta em muitas formas de produção desse material.

A proposta dos capítulos seguintes é refletir sobre diferentes usos dos materiais

epistolares para a pesquisa histórica, além da reflexão sobre o próprio processo de produção deste material. O Capítulo 2 aborda possibilidades do uso de arquivos epistolares como fontes históricas, analisando a prática cultural que esse material teve nas sociedades ocidentais. Sabe-se que mais do que uma expressão de foro íntimo, essas cartas são resultados de uma construção do contexto social ao qual Elza fazia parte. No terceiro e último capítulo, trabalha-se com a hipótese da instituição educacional ao qual a menina estudava ser um grande agente normatizador no seu processo educacional e como isso aparece em suas cartas.

3. CARTAS DE ELZA À FAMÍLIA E A HISTÓRIA DA ESCRITA EPISTOLAR

O presente capítulo tem como objetivo analisar o estudo das cartas como fontes e objetos da pesquisa histórica, através de uma análise bibliográfica de pesquisadores que trabalharam com este tema tanto a nível nacional como internacional. Para a realização desta pesquisa esses trabalhos contribuíram no sentido de mostrar possibilidades do trabalho histórico utilizando as fontes epistolares. É possível afirmar que as cartas de Elza Bertaso não são somente as fontes, mas funcionam também como o objeto central desta pesquisa, pois os rumos do trabalho se guiam a partir de sua produção.

As cartas de Elza inserem-se dentro de um contexto muito específico, mas que retratam uma prática muito comum do período ao qual viveu. O material utilizado nesta pesquisa foi produzido entre os anos de 1915 e 1918, durante o período escolar da menina na cidade de Porto Alegre – RS. Ao descrever seu cotidiano para um leitor, a menina possivelmente editava acontecimentos e construía uma narrativa de sua vida, assim como se faz na escrita de diários íntimos e biografias.

A escrita epistolar inserida dentro do campo da escrita de si começou a ser estudada mais largamente a partir dos anos 1980, em paralelo com o *boom* biográfico, período onde coletâneas de cartas foram publicados ao lado de biografias, autobiografias e diários íntimos. Segundo Teresa Malatian: “Uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, à revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos” (MALATIAN, 2006, p.195).

O estudo das cartas se insere na mesma categoria dos diários íntimos e memórias e apesar de ser usada largamente como fonte, recentemente se tornou objeto da pesquisa histórica (GOMES, 2004, p. 8 - 10). Segundo Cécile Dauphin e Danièle Pouban:

Na historiografia, as cartas ocupam, tradicionalmente, o *status*, de documento. A qualidade do signatário, do destinatário ou das pessoas citadas valoriza o conteúdo. (...) Como campo literário, as correspondências legitimadas, pelo destaque que ocupam na sociedade, desvelam a vida privada, o que se esconde atrás da cena pública, o que não é acessível no mistério da obra ou a fulgurância do acontecimento. O gênero biográfico é particularmente ávido a esses documentos, que se tornam provas ou indícios ao sabor dos autores. (p.75)

Segundo o autor francês François Dosse (2009, p.12), a biografia se tornou um discurso de autenticidade, remetendo à intenção de verdade por parte do biógrafo, com um

discurso moral de aprendizagem das virtudes. Entretanto, a tensão entre a verdade e a narrativa permaneceu, uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica. Através de um jogo de palavras, o sujeito tem a possibilidade de organizar sua vida ou a de outro, de acordo com a sua vontade, atuando como um editor/organizador da vida.

Com a popularização da escrita, a possibilidade desses registros atingiram outras camadas fornecendo ao historiador outras fontes e objetos de pesquisa. O conteúdo da carta não deve ser reduzido a um efeito de verdade, pois essa não é a perspectiva do documento. A carta deve ser tratada como uma construção, onde o pesquisador analisa o discurso produzido pelo autor deste material em questão. A prática de uma escrita epistolar insere-se no campo da escrita autobiográfica e nestes a “palavra constitui um meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito” (MALATIAN, 2006, p.196).

A prática cultural da escrita de cartas começou a se popularizar no século XVIII, onde o hábito de escrever alcançou diversas camadas sociais tanto na Europa como na América. As cartas tinham como principal objetivo a comunicação e o estreitamento de laços afetivos e poderiam ser direcionadas a familiares ou amigos. Refletir e falar sobre si tornou-se comum, a escrita autobiográfica preenchia as funções definidas como educação do eu e interiorização as normas de convivência social. Segundo Malatian (2006), a escrita autobiográfica:

Trata-se de *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta. Nos documentos que a expressam, entre eles as cartas, a palavra constitui o meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito. (p. 195 – 196).

Essas práticas da escrita de si inserem-se no contexto da modernidade, onde o indivíduo passou a ser reconhecido e os instrumentos de registro são disponibilizados, fornecendo assim opções do sujeito comum registrar sua identidade. Isso possibilitou ao indivíduo “comum” registrar sua memória também. Segundo GOMES (2004):

Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertividade sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo (p.12-13).

Nos registros e nas práticas de arquivamentos destes, podemos notar uma intenção autobiográfica, pois “o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação”

(ARTIÈRES, 1998, p.11). O sujeito moderno se constrói através de suas memórias, além disso, usa seus registros como forma de se eternizar, pois materializa sua existência, dando possibilidade ao acesso de sua intimidade até mesmo depois de sua morte.

Esses registros de memória cruzam a fronteira entre o público e o privado, pois as dimensões de circulação escapam do controle do autor. A prática da cópia de cartas e a redistribuição de fragmentos ou de maços de cartas (DAUPHIN; POUBLAN, p. 81) era comuns, seja para contar acontecimentos, para sustentar e reafirmar uma imagem ou até mesmo para ter uma cópia desses escritos.

A implementação dessas atividades como práticas culturais fez com que a sociedade desenvolvesse toda uma estrutura que auxiliasse na produção desses materiais, desde o comércio de materiais específicos (papeis de carta, penas, canetas, tintas, etc.), móveis para escrita e leitura, além da criação de ambientes específicos nas casas burguesas tanto para a produção e leitura, como para o arquivamento desses livros, cartas e diários.

A história da escrita epistolar está representada através de pinturas e fotografias. Após o século XVIII diferentes artistas passaram a representar práticas de escrita na maioria das vezes em espaços privados, como símbolo de status e erudição. A representação de instrumentos e suportes para a escrita, móveis e ambientes destinados a esta função também eram comuns. A encomenda de pinturas era comum entre os burgueses, para retratar seu cotidiano e ostentar um modelo de vida.

O artista plástico Jean-Baptiste-Siméon Chardin foi um dos mais célebres pintores do barroco francês e tinha como preferência registrar a vida da burguesia francesa do século XVIII. Em seu quadro *Lady Sealing a Letter* (figura 2), de 1732, Chardin representa as práticas íntimas da produção de uma carta. A tela foi pintada durante um crescente interesse cultural nas práticas íntimas e nas atividades de gênero, o ambiente confortável e a porta ao fundo mostram os cômodos pensados nas casas burguesas para a escrita das cartas, além da importância que este ato representava para essa camada social no século XVIII. Segundo a interpretação de COLE (2009) sobre a obra:

Situado em interior confortável, esta pintura retrata um dos divertimentos privados favoritos – a escrita de correspondências. Imagens pessoais da escrita de cartas eram comuns no século XVIII. (...) A obra de Chardin é incomum, pois ele muda o cenário à frente no tempo, enfatizando a privacidade da correspondência, ao invés do ato de produzi-lo. A nível temático, *Lady Sealing a Letter* lida com a criação de privacidade. Seu tema é, além disso, reforçado especialmente como a selagem da carta corresponde com o fechamento de uma porta. (p. 11)

Figura 2 - Lady Sealing a Letter (1732) - Jean-Baptiste-Siméon Chardin



Fonte: <http://www.jean-baptiste-simeon-chardin.org/Lady-Sealing-A-Letter.html>

A divulgação da prática da escrita de si se deu a partir do século XVII, quando indivíduos comuns passaram a produzir memórias de si (GOMES, 2004, p. 10-11). Para Chartier (2006, p.156): “Entre os séculos XVI e XVII, a escrita penetra na intimidade de grande número de pessoas sob a forma de impressos de forte conotação afetiva, associados a grandes momentos da vida familiar ou pessoais”. As cartas, segundo Artières, vêm ganhando espaço social desde o fim do século XVII, quando as sociedades ocidentais passam a valorizar mais a escrita pessoal. Foi nesse período também, que segundo o mesmo autor, a escrita passou a ganhar um poder no cotidiano, a partir da inscrição dos sujeitos em registros públicos e privados.

No século XIX, as correspondências começaram a ocupar um espaço maior na vida social, tornando-se objeto de coleção e até mesmo uma moda. Escrever era uma prática cultural exercida no ambiente privado, que através do seu conteúdo convidava o outro a adentrar em seu cotidiano, é neste espaço que a importância da escrita de si aumenta. Segundo Gomes (2004, p.11), através dessas práticas culturais o indivíduo moderno está construindo

uma identidade para si; então pinturas como a de Chardin exposta acima, e posteriormente fotografias, eram um adendo às essas práticas, pois registravam a ação dessa prática, reforçando assim a imagem que essas pessoas queriam registrar.

A escrita epistolar é de um ambiente privado e íntimo e, segundo Cunha (2002, p.1), “fala tanto de quem a escreve como revela sempre a quem recebem anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos”. Essas sociedades podem ser chamadas de individualistas, pois são “sociedades que separam o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos” (GOMES, 2004, p.13).

O crescimento do gênero autobiográfico deu-se a partir do século XIX, quando a educação do eu e a normatização social, segundo Malatian, preenchiam determinadas funções em meios sociais, acompanhando a implantação da ordem burguesa. A autora afirma que foi no século XIX que as correspondências tornaram-se objetos de coleção. A partir no século XIX a alfabetização se ampliou para uma camada populacional maior, saiu de um espaço preferencialmente masculino e começou a ser uma escrita comum entre mulheres (MALATIAN, 2009, p.197). As regiões onde a prática epistolar era mais comum eram as mais alfabetizadas, a história da alfabetização é correlacionada a práticas culturais e a escrita de cartas era um modo de demonstrar certa cultura. Segundo Chartier (2009, p.119-120): “Saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual. [...] Entretanto, saber ler e escrever permite também novos modos de relação com os outros e os poderes”.

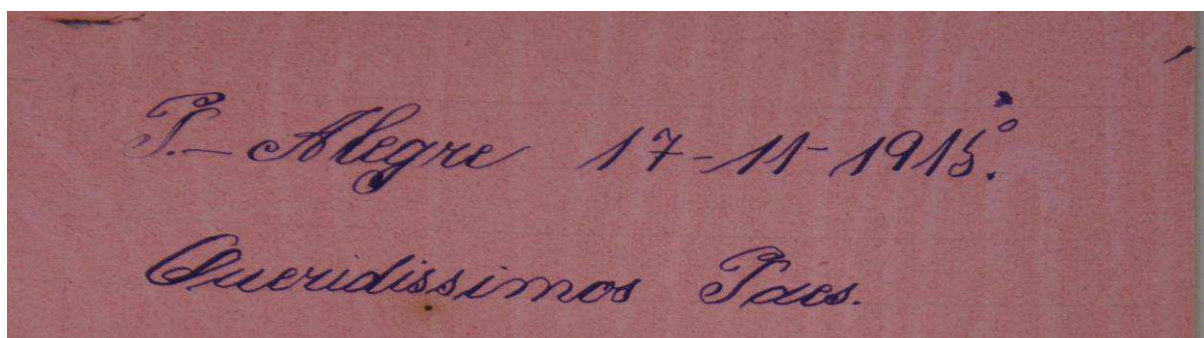
A quantidade de homens alfabetizados na França durante o século XIX período era maior que a de mulheres, esse é um dos motivos dos registros em arquivos públicos serem de predominância masculina. As cartas femininas são diferentes das masculinas, pois os homens aprendiam a ler e a escrever e as mulheres a ler, a atividade de escrita não passa de um lugar cultural por uma forte prática religiosa e por uma tradição oral (CHARTIER, 1991, p. 65-66). Segundo Chartier (2006, p.118) “nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino”.

Com a difusão das práticas de escrita, começou-se a se desenvolver toda uma industrialização específica de materiais com essa finalidade. O papel de carta é uma criação desse período, com diversas variações de cores e tamanhos, muitas vezes com acréscimo de monogramas e timbres que constituíam sinais de distinção e possibilitavam ao destinatário a

identificação do remetente só por esse breve reconhecimento visual (MALATIAN, 2009, p.199). O uso de tintas específicas para determinados tipos de papéis também auxiliava na conservação das cartas, pois papéis mais frágeis estavam sujeitos a tinta se transpor para o lado oposto da folha e nas cartas escritas a lápis a escrita se conservava menos tempo. Essa preocupação estética revela muito do século XIX, pois foi nesse período em que as cartas começaram a ser considerados artigos de coleção e passaram a ser parte de arquivos familiares.

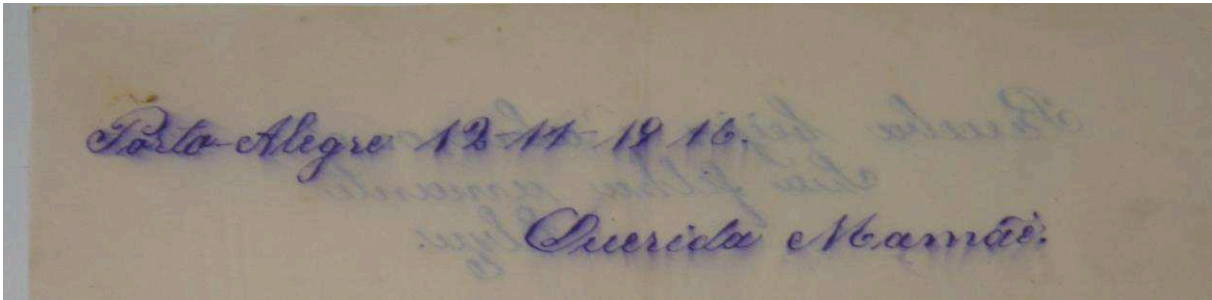
Pode-se notar uma mudança nos papéis das próprias cartas escritas por Elza na escola. Os papéis usados em 1915 são aparentemente mais rústicos que os papéis oferecidos nos anos seguintes pela instituição, percebe-se que o papel como o do exemplo de 1915 tem um fundo rosado e é mais firme ao toque, com textura semelhante ao de uma cartolina. Já o de 1916, é uma folha frágil, onde é possível enxergar mesmo que de modo superficial o que está escrito no verso da página. O modelo de 1917 é o usado nas fontes dos anos seguintes também, nota-se que é um papel mais elaborado, com linhas estabelecidas, emblema da escola e um espaço destinado para anotação da data. É possível que esse papel adotado a partir de 1917 servisse para as estudantes escreverem as cópias que passavam pela supervisão da diretora, pois estes tinham uma marca d'água escrita "original" que se localizava no final da folha.

Figura 3 – Detalhe da carta de Elza aos pais, 17 de novembro de 1915.



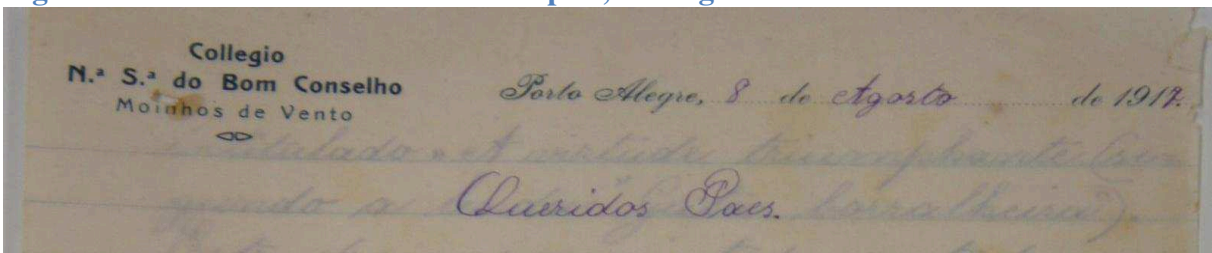
Fonte: Arquivo CEOM.

Figura 4 – Detalhe da carta de Elza a mãe, 12 de novembro de 1916 .



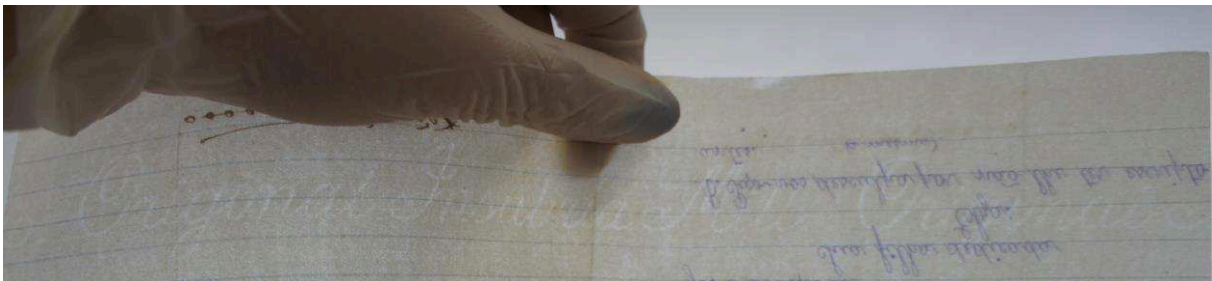
Fonte: Arquivo CEOM.

Figura 5 – Detalhe da carta de Elza aos pais, 8 de agosto de 1917.



Fonte: Arquivo CEOM.

Figura 6 – Detalhe da parte inferior dos papéis utilizados a partir de 1917.



Fonte: Arquivo CEOM.

A evolução dos materiais envolvidos na produção dessas cartas mostra a importância que esse meio de comunicação tinha para a sociedade. Um papel mais bonito possibilitava uma apresentação esteticamente mais agradável ao leitor e alguns recursos simples, como a adição de linhas, facilitavam na produção deste material, pois estabelece lugares de escrita padronizados. Os espaços reservados para a escrita do nome da cidade e da data indicavam informações fundamentais para a localização espaço-temporal da escrita dessa carta. Esse padrão da escrita das datas e cidades onde essas cartas eram produzidas auxiliava na organização dos arquivos familiares, que passaram a ser uma prática comum para o arquivamento e registro do eu.

O estudo de cartas não deve ser reduzido a seu texto, deve-se levar em consideração

todos os elementos presentes nelas. Diferentemente de um livro que tem uma circulação pública, a carta é direcionada a um ambiente restrito, seja ele familiar, amigável ou profissional. As habilidades específicas, as capacidades pessoais de comunicação e a invenção de formas de expressão apropriadas que atendam a determinada situação. As normas postais também fazem parte das especificidades epistolares: a taxa paga pelo selo, a recomendação ao carteiro que só entregue a carta mediante gorjeta, a recusa a receber o envelope, a devolução dessas cartas por mudanças de endereço ou pelo envelope conter códigos diferentes ou insuficientes.

Com a popularização do uso das cartas e a formalização da escrita epistolar ganhou espaço socialmente, por ser considerada uma “arte formadora de existência” (MALATIAN, 2009, p.196), pois esses papéis assumiram uma dimensão educativa, passando a ser utilizados como recursos na formação. Em virtude da institucionalização da escrita, esse material cada vez mais foi perdendo o caráter espontâneo, para adquirir uma dimensão normatizada na forma e no conteúdo, passando a existir uma regulamentação nas práticas de escrita.

A cultura epistolar não diz respeito somente da escrita da carta, mas também de sua conversação, classificação e comentários. A ocupação de vastas residências pelas elites durante muito tempo também permitiu a conservação desses arquivos, pois geralmente existiam lugares específicos na casa tanto para a produção desse material como para seu arquivamento, como retrata o quadro *Lady Sealing a Letter* mostrado anteriormente. O arquivamento desse material geralmente passava por um processo de triagem, onde as “cartas boas” eram selecionadas pela qualidade de seu conteúdo, pois isso permitia um repasse de valores e da história da família à gerações futuras.

A manutenção de arquivos familiares permite mostrar essas cartas aos descendentes. O processo de triagem para o arquivamento, selecionando as “cartas boas”, é um instrumento para edificar os herdeiros (DAUPHIN; POUBLAIN; 1997, p. 81), pois seu conteúdo serve como um modelo de a ser seguido. O processo de seleção para a construção desses arquivos leva tempo, pois através da classificação e ressignificação dele construímos uma imagem e uma identidade. Malatian afirma:

Só que uma existência não transcorre de modo linear contínuo e sim em momentos, nos quais experiências organizaram-se no espaço-tempo interior construído pelo sujeito e que individualiza em aspecto de sua vida. Nas cartas, isso ocorre de modo especialmente claro, pois é a configuração do momento biográfico que rege o contar da vida por meio da junção de experiências referidas a tempos e contextos sempre heterogêneos (1997, p.200)

Segundo Artières, “Um traço comum às práticas de arquivamento é, com efeito, um desejo de “tomar distância em relação a si próprio.”(ARTIÈRES; 1998, p.28). O sujeito ao selecionar seus documentos se coloca em um lugar de diretor assumindo um papel reflexivo sobre sua vida e sobre sua história, organizando os vestígios da própria vida, essa neutralidade estabelece um diálogo entre narrador e leitor. Ainda segundo o autor:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reuniam as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 31)

A manutenção desses arquivos também exigia um espaço físico dentro das residências, o que combinava com o estilo de vida burguês do período. Esses arquivos foram ganhando espaço junto com outros bens da família na construção da identidade familiar. O acesso a esses arquivos para o historiador nem sempre é simples, pois é possível que esses materiais sofram uma seleção antes de ser mostrados a terceiros para sustentarem uma imagem a qual a família gostaria de manter, mesmo quando doados para arquivos públicos.

O real motivo da conservação das cartas recebidas pela família Bertaso por tanto tempo não pode ser afirmado com precisão, além do apego emocional, esses materiais dizem muito sobre a família. As relações de intimidade que uma carta revela são diferentes de documentos oficiais, temos acesso a outra perspectiva da família Bertaso sobre o ponto de vista de Elza em seu período escolar. Pode-se questionar o porquê destas cartas serem guardadas por sua família e posteriormente doadas para um arquivo público e sobre a classificação desses registros por parte da família. Embora haja indícios de que a escrita desse material fosse semanal, não se encontra disponível no acervo todas essas cartas enviadas e nem as recebidas por Elza. Um elemento importante a ser lembrado ao se problematizar arquivos e a cultura epistolar é de que a razão primária da existência dessas cartas era a comunicação que estabeleciam ao serem enviadas e respondidas, então por mais que seja difícil de entender seu conteúdo na atualidade, sua função original já se cumpriu.

As cartas de Elza enviadas à sua família revelam muito do contexto social e do tempo de sua produção, além de seguir padrões próprios para produção de cartas deste período. As informações como a data e a cidade onde a carta foi escrita, a saudação e término afetuoso e a assinatura no fim do documento são normas estabelecidas socialmente que facilitam na leitura

e identificação do documento. Essas cartas também revelam muito sobre o cotidiano da menina neste colégio interno, não apenas seu conteúdo que narrava o cotidiano escolar, mas o próprio ato da escrita das cartas nesse ambiente revela talvez uma preocupação da escola em manter as relações entre as internas e a família, como também uma demonstração dos serviços oferecidos pela escola através deste material:

21 de Abril de 1918

Querida Mamãe

Como passas, querida Mamãe, em companhia do papae, Serafim e Jayme? Eu vou indo muito bem. Mande fazer um vestido de casimira verde, que o papae comprou quando estava aqui. Vou ver se faço também um chapéu da mesma fazenda, pois não tenho chapéu de inverno.

Eu durmo na mesma cela com a Regina, numa cela grande.

Querida Mamãe, peço-te escrever-me seguido.

Recebe com papae, Serafim e Jayme muitos beijos e abraços de

Tua filha do coração

Elza (BERTASO, E. [carta] 21 de abril de 1918, Porto Alegre. BERTASO, Z. 2f.).

A carta exposta na íntegra acima é um exemplo das enviadas por Elza a sua família durante sua estadia em Porto Alegre – RS, na escola Nossa Senhora do Bom Conselho. A estrutura da carta parece ser comum a todas presentes no acervo, a saudação que remete ao destinatário e essa demonstração de afeto e preocupação com o pequeno núcleo familiar do qual está afastada era recorrente em todas as cartas, talvez isso fosse instrução da escola. Ao falar em sequência que estava indo muito bem, às vezes até incluía que ia muito bem tanto de saúde como de estudos, poderia tanto responder uma carta recebida como também antecipar uma pergunta feita na carta de resposta que esperava receber. A descrição de um pouco desse cotidiano escolar poderia ser um modo de prestar contas, aqui contar o que fez com o tecido que ganhou de presente do pai quando a visitou e também citar, mesmo que brevemente, sua colega com quem dividia o quarto no internato. A cobrança para que a mãe Zenaide lhe escrevesse mais pode ser um indicativo de que o pacto epistolar não era mantido com rigor, pois talvez a menina por escrever nesses momentos determinados na escola mandasse mais cartas do que recebesse.

As correspondências são produzidas tendo em vista um destinatário, com quem se estabelece uma relação de troca de informações, uma interlocução. Segundo Angela de Castro Gomes (2004, p.19), a escrita epistolar é uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento de vínculos entre indivíduos e grupos e a ideia de pacto epistolar consiste em receber, ler, responder e

guardar as cartas.

A opção por guardar ou não uma carta é de quem recebe, quem a envia só pode controlar o que escreve neste material e não seu destino. Quem escolheu guardar as cartas de Elza num primeiro momento foram seus pais, para quem estas eram enviadas. Não se pode afirmar com precisão quando essas cartas passaram a ser ou foram posse da própria Elza, mas quando doado o acervo da família Bertaso ao arquivo público, quem assinou foi seu filho. Sendo assim, as cartas fizeram parte de no mínimo, três gerações desta família.

As correspondências enviadas por Elza compõem parte do arquivo da família Bertaso que juntamente com os de sua colonizadora, faz parte do patrimônio histórico do município de Chapecó – SC, tombados pela lei municipal n. 3.202 de 09 de agosto de 1993. Segundo essa lei o arquivo da colonizadora Bertaso foi tombado “tendo em vista sua grande importância histórica”, segundo o Art. 4º dessa lei:

Art. 4º Ficam revogadas as disposições em contrário.

II - ANÁLISE

O Projeto apresentado propõe o tombamento do Arquivo Documental da Empresa Bertaso, tendo em vista que:

1. O acervo do referido arquivo contém documentação com referencial histórico sistemático da Colonização da Região Oeste de Santa Catarina;
2. A contribuição da Empresa Bertaso, para o crescimento regional, colocando o Município de Chapecó, na liderança do processo como polo principal do seu desenvolvimento.
3. Servirá de valiosa fonte de pesquisa para professores e alunos de todos os níveis de ensino, ensejando o resgate de nossa memória histórica.
4. LI. Oportunizará a organização e arquivamento deste valioso acervo dentro das normas técnicas ideais à sua preservação.

(BRASIL, CHAPECÓ – SC. Lei nº 3.202 de 09 de agosto de 1993)

Essa intenção e necessidade de patrimonização da vida íntima, não é um fato recente. No Brasil é possível acessar o acervo pessoal de antigos presidentes da república e que se tornaram patrimônio histórico do país. O interesse em se patrimonizar o sujeito comum é mais recente e também parece ser mais um esforço que atenda algum interesse pessoal do que um interesse público do Estado. Segundo as informações do arquivo, o acervo da família Bertaso se tornou patrimônio público por interesse da família e a mobilização realizada pela historiadora Eli Maria Bellani e em 1993, o poder público municipal reconheceu a necessidade de conservação destes documentos. Mas é importante perceber, que o interesse

inicial nesse arquivo eram os arquivos da Colonizadora Bertaso e não família em si.

Arquivar significa deixar rastros para a posteridade, mesmo não podendo controlar o discurso produzido a partir deste material, sendo que muitas vezes pode não servir ao interesse da pessoa que arquivou. O item 3, do inciso II – Análise da lei anteriormente citada, estabelece o valor desses documentos como fonte, mesmo que de maneira superficial visando somente um “resgate de nossa memória histórica”.

É necessário reconhecer a incompletude dessas fontes, pois estas são resultados de inúmeros processos de triagens com objetivos diversos ao longo dos cem anos que datam esses materiais. Processos de triagens realizados tanto por aqueles sujeitos que receberam essas cartas como daqueles que enviaram, daqueles que arquivaram, daqueles que repassaram ao poder público e por último do próprio arquivista do CEOM que define uma forma de seleção e organização destes documentos.

Por um lado estas cartas são fruto de uma história mais geral da escrita íntima no ocidente, que como foi apresentado anteriormente neste capítulo, teria se desenvolvido a partir do século XVII e, por outro lado, uma história deste arquivo familiar constituído no Oeste de Santa Catarina. Além de seu conteúdo, sua existência e sobrevivência nos interessam, pois pensar o porquê da manutenção desse arquivo por tanto tempo e sua doação à consulta em acervo público, insere-se em um padrão destinado a outros acervos pessoais que também acabaram sendo doados após um longo tempo sendo posse da família.

No próximo capítulo pretendemos demonstrar como esta produção da escrita íntima não pode ser tomada simplesmente como uma expressão “natural”, fruto de sua autora. Mas que essa escrita é atravessada por práticas normativas que constituem a produção deste material como um produto social de comunicação de seu tempo, e até mesmo um controle que ao final nos permite refletir sobre os efeitos na história deste arquivo.

4. ESCRITA EPISTOLAR NA ESCOLA: UMA PRÁTICA NORMATIZADORA?

Este capítulo é dedicado à problematização da escrita na escola e o uso de cartas como instrumento pedagógico, usando como fontes as cartas de Elza Bertaso enviadas à sua família durante sua estada entre os anos de 1915 a 1918 no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho localizada em Porto Alegre – RS. Aborda a história deste processo de educação interna e o cruzamento da fronteira do papel da escola e da família neste tipo de instituição.

Dedica-se à problematização dos processos de normatização da escrita e às internalizações destas normas presentes nas cartas. Além das cartas, utiliza-se como fonte o programa da escola e atestados para fazer a relação do processo civilizador na escola e o papel da mesma na formação social da criança. A escola é um marco na vida de toda criança, no caso de Elza foi um momento de separação de sua família e de um entendimento maior da noção de dinheiro, como expõe a carta abaixo.

O papae está brabo, diz que está gastando muito dinheiro comigo. Eu disse para elle que se não queria gastar que me deixasse em casa óóóóra esta (BERTASO, E. [Carta] 03 de abril de 1915, Porto Alegre-RS [para] BERTASO, Z. 2f.).

O trecho da carta do dia 03 de abril de 1915 é direcionado à Zenaide Bertaso, mãe de Elza e esposa de Ernesto. Esta é a última carta que a menina escreve antes de seu período de interna a escola, é nela que revela seus sentimentos sobre as reclamações de seu pai sobre os gastos utilizando de recursos da linguagem com seu “óóóóra esta” para enfatizar uma indignação sobre essa reclamação. Além disso, a menina conta à mãe suas impressões do colégio: “Terça feira fomos no collegio, visitei todo elle, achei muito bom e bonito.”⁴, instituição na qual estudou a partir da segunda-feira seguinte à data de envio desta correspondência, 05 de abril de 1915. Além disso, o trecho acima exposto demonstra a consciência que a menina tinha dos custos que seu pai teria com ela, o que reflete no conteúdo de outras cartas onde parece dar uma impressão de que existia uma intenção de retribuição a esse investimento por parte da menina, um retorno a esses “gastos” de seu pai com ela.

Elza, apesar da pouca idade, já em seu primeiro ano de estudo sentia uma necessidade de retribuir esse investimento em sua educação. A carta de 17 de novembro de 1915 expressa um pouco disso, nela a menina diz: “Continuo a estudar e agora com mais applicação e rigor

⁴ BERTASO, E. [Carta] 03 de abril de 1915, Porto Alegre-RS [para] BERTASO, Z. 2f.

do que dantes. Pois os exames estão próximos e sua filhinha quer mostrar a seus queridos Paes que os sacrificios que fizeram por ella não foram em vão e para testemunhar-lhes sua gratidão e amor filial”⁵.

A instituição que Elza estudava era voltada para filhas de uma família elite, levando em consideração os valores de suas mensalidades; por mês as mensalidades do internato custava 78\$000, especificamente: “A mensalidade é de 60\$000 incluído o ensino. Pela roupa lavada e engommada a alumna pagará mais 6\$000 por mes. Pelo ensino de musica 12\$000, de pintura 12\$000”, como mostra os atestados o ensino de pintura não constava em sua rotina escolar. Por ano, seu pai gastava só de mensalidade 936\$000, é difícil atualmente mensurar o valor social que este dinheiro tinha no período. Mas ao comparar o valor das mensalidades com o valor pago por hectare pelas terras devolutas compradas pela Colonizadora Bertaso em 1920, 5\$000 por hectare (VICENZI, 2008, p.57), as mensalidades de Elza anualmente poderiam pagar por 187,2 hectares de terra.

A partir de 03 de abril de 1915, Elza estava devidamente matriculada no Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre e na condição de interna da instituição, suas cartas a partir desse momento deveriam seguir as recomendações e padrões impostos pela escola. Segundo o Programa Escolar, o Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho (Figuras 7 e 8) se localizava “no mais aprazível arabalde da capital, em ponto alto e saudável”⁶, foi fundado pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristão e no ano de 1905 começou a funcionar como um colégio interno nesta região. A foto é de um postal que compõe o acervo da família Bertaso, que foi enviado por Elza Bertaso à sua mãe Zenaide Bertaso em 23 de julho de 1917. O seu conteúdo relata para a família Bertaso que Elza estava bem na escola tanto de saúde quando de estudos, ainda mostra a estrutura da escola e a rua na qual a mesma se localizava.

⁵ BERTASO, E. [Carta] 17 de novembro de 1915, Porto Alegre-RS [para] BERTASO, E; BERTASO, Z. 4f.

⁶ PROGRAMMA DO COLLEGIO N. SR^a. DO BOM CONSELHO. Porto Alegre, Typographia do Centro. 1915, 4p.

Figura 7: Postal de 23 de julho de 1917 com a imagem do Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho.



Fonte: Arquivo CEOM.

Figura 8 - Verso do postal de 23 de julho de 1917 com a imagem do Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho.



Fonte: Arquivo CEOM.

O colégio faz parte de uma série de instituições femininas mantidas por congregações religiosas, que formavam suas alunas a partir de valores culturais e religiosos que ordenavam o trabalho dessas escolas. Ocupou um lugar que desempenhou os desejos do pai na criação da filha, uma educação burguesa para uma menina que era filha de uma elite em ascensão na região oeste de Santa Catarina. A instituição cumpriu um papel fundamental para essa formação da futura mulher burguesa, ensinando valores tanto religiosos quanto morais, como o próprio programa da escola específica. O programa da escola, também encontrado no acervo da família, era o documento de apresentação da instituição, nele estava exposto os preceitos éticos e morais e ao que o Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho se propunha, além das disciplinas ofertadas para suas estudantes de origem alemã e luso-brasileiras e as regras do internato.

Norbert Elias, ao escrever “O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes”, analisa os processos de mudança sobre os costumes e a moral dos indivíduos no período medievo-feudal e os resultados disso na formação do Estado Moderno. Segundo o autor, para a pessoa se tornar “civilizada” deve passar por um processo de constante formação no campo das ideias como no seu comportamento e vida afetiva. Para Elias (1993), é na infância onde o

sujeito começa a ser moldado dentro dos padrões sociais estabelecidos, onde os adultos começam a moldar a criança a partir de seus modelos de comportamento:

Desde o começo da mocidade, o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão dos resultados de seus atos, de que precisará para desempenhar funções adultas. Esse autocontrole é instilado tão profundamente desde essa tenra idade que, como se fosse uma estação de retransmissão de padrões sociais, desenvolve-se nele uma autosupervisão automática de paixões, um “superego” mais diferenciado e estável, e uma parte dos impulsos emocionais e inclinações afetivas sai por completo do alcance direto do nível de consciência. (p.202)

Esses modelos de controle variam de acordo com a posição social que o indivíduo ocupa ou deve ocupar. Um controle mais rigoroso da conduta social e das emoções serve como marcas de distinção social e prestígio (ELIAS, 1993, p.212). É evidente que os modelos educacionais aos quais Elza Bertaso teve contato são diferentes que os de outras meninas desse período, levando em consideração que o acesso a educação básica nesse período era bem restrito. No ano de 1900, apenas cerca de 35% (SOUZA, 1999, p.172) da população com mais de quinze anos era alfabetizada e a educação poderia ser um instrumento de mobilidade social.

A civilidade é resultado de várias construções sociais realizadas através do tempo, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica (ELIAS, 1993, p.193). A sociedade se desenvolveu de modo que foram criadas especialidade para a execução de funções, aumentando assim a dependência da teia social, segundo o autor:

A teia das ações tornou-se tão complexa e extensa que, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. (p. 196)

O modelo de autocontrole varia de acordo com a posição do indivíduo nessa cadeia (ELIAS, 1993, p.197), como estudante interna de uma instituição religiosa Elza estava sendo preparada para seu lugar na elite burguesa e cristã em ascensão como seu pai desejava. Dos anos de 1915 a 1919, Elza Bertaso estudou no Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho dirigido pelas irmãs Franciscanas no arrabalde dos Moinhos de Ventos em Porto Alegre. E segundo o item dois do programa da escola: “O fim que se impõe é ministrar ás alumnas uma solida educação religiosa e os conhecimentos necessarios á sua futura posição social”⁷. Com

⁷ PROGRAMMA DO COLLEGIO N. SR^a. DO BOM CONSELHO. Porto Alegre, Typographia do Centro. 1915,

dez anos de idade, a menina começou então a se preparar para ocupar um lugar social preestabelecido para ela.

Segundo Elias (1993, 227), a sociedade conforme se torna mais complexa aprende a separar os sentimentos das ações, os indivíduos que a compõe são recomendados a racionalizar suas ações ao invés de agirem por impulso ou se deixar levar pelos sentimentos. Para Cunha (2006, p.351), “[...] as práticas de civilidade podem ser consideradas como formas de racionalização do cotidiano e se confundem com a repressão de sentimentos”. Percebe-se nas cartas de Elza uma ausência de sentimentos, no arquivo estudado é raro encontrar indícios da menina relatando se está feliz ou triste. O mais próximo de um sentimento expressado são relatos de saudade ou alegria ao ler uma carta recebida, e mesmo assim são de maneira que parecem ser até automáticas como na carta do dia 12 de novembro de 1916: “Querida Mamãe, as saudades são sempre grandes; mas, com especialidade hoje, avivaram-se muito e por isso vos visito por meio destas linhas, já que não posso fazê-lo pessoalmente”. Somente em duas cartas de 1918 que Elza se abre um pouco mais, pois foi um caso atípico do falecimento do seu irmão, a de 6 de abril de 1918 onde expressa o recebimento desta notícia: “É com o coração bem triste que escrevo-lhe esta cartinha. Ainda enxugo as lagrimas que me faz derramar a noticia triste do falecimento d'um irmãozinho tão caro a nós todos.” e a do mês seguinte, do dia 7 de maio de 1918 “Querida Mamãe, peço-te mandar-me dizer, quaes foram as ultimas palavras que o nosso querido Ary disse. Depois que eu vim, elle não falou em mim? Qual foi a ultima vez que elle falou em meu nome?”.

Percebe-se que essa ausência frequente de sentimentos é resultado de uma normatização social e institucionalizada pela escola. No programa escolar do Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho, o item dez especificava as condições necessárias para a permanência da aluna no colégio e o primeiro deles era boa conduta, respeito e docilidade às professoras. Essa boa conduta era muito específica e se adequava aos padrões da escola e da sociedade a qual ela fazia parte. A boa conduta era avaliada através de notas de comportamento, obediência, aplicação, civilidade, ordem e silêncio. Como mostra a figura 9, as alunas além de serem avaliadas pela sua boa conduta, ainda eram classificadas conforme sua colocação, em julho de 1915 Elza ficou em 8ª lugar entre 30 estudantes.

Figura 9 - Atestado de julho de 1915.



Fonte: Arquivo CEOM.

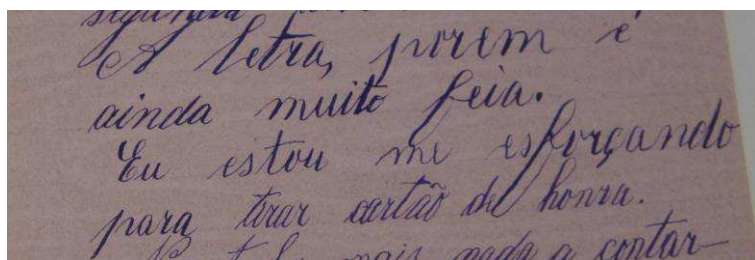
O modelo avaliativo como o do atestado exposto na Figura 9 demonstra o desejo da escola em relação a formar as meninas dentro de um padrão, segundo Cunha (2006, p.352) “assim, inculcar formas civilizadas de conduta pessoal e moral e desfilarem suas próprias marcas de etiqueta social eram aspectos desenvolvidos como um saber escolar”. Além das atitudes de Elza serem julgadas pela escola, ainda eram comparadas com as de suas colegas de classe.

As matérias de ensino ofertadas para Elza também demonstram que a preocupação que se tinha não era de formar uma grande intelectual nos modelos academicistas, mas uma mulher que desempenhasse um papel específico dentro de seu grupo social. A instituição pretendia formar moças comportadas, civilizadas, obedientes, aplicadas ordenadas e que soubessem falar quando e se necessário, moças que se encaixassem dentro de um modelo burguês, ao qual a escola as estava formando.

As disciplinas ensinadas complementavam esse modelo do atestado, Elza no Collegio Nossa Senhora do Bom Conselho cursava: doutrina cristã, história sagrada, leitura, ortografia, gramática, redação, caligrafia, aritmética, geografia, história nacional, idioma francês, desenho, canto, música, bordado, ginástica, posição do corpo. As disciplinas de doutrina cristã e história sagrada são ofertadas dentro da proposta da escola, que é uma instituição católica. Leitura, ortografia, gramática, redação e caligrafia são ensinadas para serem praticadas em

foro íntimo. É possível que o uso de correspondências nesta instituição fosse usado para exercício de redação, evidenciando assim a prática epistolar como um saber escolar, como era o caso do Colégio Dom Pedro II no RJ (CUNHA, 2006, p.353). A carta da Figura 10⁸, demonstra a preocupação da menina em ter uma letra ornamentada, além de assumir um compromisso em tirar um cartão de honra.

Figura 10 – Detalhe da carta aos pais 22 de agosto de 1915.



Fonte: Arquivo CEOM.

Percebe-se que esse modelo de educação era das elites e para as elites, e eram aprendizagens num modelo de mulheres urbanas, pois não ensinava conhecimentos práticos para a vida no campo. E por se tratar de um internato, essas normatizações se estendiam além da sala de aula. Talvez as noções de público e privado numa instituição assim fossem deturbadas para as meninas que ali estudavam, pois durante maior parte do ano o colégio virava a casa dessas internas. As cartas serviam como um modo de manter o contato com a família que estava longe, mas esses envios deveriam se enquadrar em um padrão. Segundo o item sete do programa específico para as internas da escola “As pensionistas não poderão receber nem enviar nem cartas, ou qualquer outro objecto, sem previo conhecimento da Directora”⁹, então a partir de sua chegada à escola suas cartas deveriam se adequar ao programa desta instituição.

Ao longo de aproximadamente quatro anos nesta instituição percebemos indícios de uma fiscalização muito forte em cima destas correspondências, inclusive é possível perceber uma repetição de padrões nestas cartas. Na carta de 27 de outubro de 1915¹⁰, ela diz: “Já ha muito tempo que fiz a copia para escrever-vos; mas adoeci”, nota-se que as cópias das cartas

⁸ BERTASO, E. [carta] 22 de agosto de 1915, Porto Alegre. BERTASO, E.; BERTASO, Z. 2f.

⁹ PROGRAMMA DO COLLEGIO N. SR^a. DO BOM CONSELHO. Porto Alegre, Typographia do Centro. 1915, 4p.

¹⁰ BERTASO, E. [carta] 27 de outubro de 1915, Porto Alegre. BERTASO, E.; BERTASO, Z. 1f.

eram feitas e depois enviadas à família, pois antes de saírem da escola esses materiais deveriam passar pela supervisão da Diretora. Embora a escrita destas cartas fosse uma imposição da escola, era uma forma da menina se comunicar com sua família e demonstrar sua afeição por eles. Na carta de 13 de agosto de 1916 Elza escreve: “Querida Mamãe. Que prazer sinto em poder escrever-lhe hoje este pequeno cartão para saber como vae passando a Sra o papae e meus irmãozinhos?”¹¹, este modo de iniciar a carta se assemelha muito com a da carta de 16 de julho do mesmo ano “Querida Mamãe. Hoje com muito prazer pego na penna para escrever-vos estas poucas linhas, para saber como vão todos de casa.”¹².

É possível afirmar através das fontes que as cartas eram escritas toda semana e que havia um dia para a correspondência. A carta de 17 de abril de 1917 é escrita da seguinte forma: “Queridos Paes. Com grande alegria aproveito o dia da correspondencia para entreter-me com meus queridos Paes.”¹³, que é muito parecida com a de 29 de junho do mesmo ano: “Amados Paes. Com grande prazer aproveito o dia da correspondencia para entreter-me com meus queridos Paes; e perguntar-lhes como passam?”¹⁴. A padronização de um dia de escrita de cartas para todas as internas, facilitava a supervisão, pois estas poderiam ser recolhidas todas juntas e entregues a Diretora. Para Cunha, nas correspondências é:

[...] onde estão materializados os testemunhos de uma época, tanto do indivíduo como dos grupos a que pertence. Nesse momento, mais que um estudo sobre cartas *em si*, a intenção é encontrar as prescrições que fazem a sua construção, o repertório de normas escritas que dão forma ao gênero epistolar socializado pela escola (2006, p.354)

O ambiente escolar era o normal de escrita, as cartas de Elza produzidas fora desse local vinham com esse adendo de localidade, como na carta de 20 de setembro de 1916, escrita em Porto Alegre: “Esta carta estou escrevendo-a em casa. Não te escrevi porque a Freira não me deixou, eu já tinha feito a copia para te escrever e a Freira disse que não era dia de escrever”¹⁵. Essa ênfase dada às cartas escritas em casa demonstra que seu lugar natural de produção era na escola, sob a supervisão das Freiras.

Por serem cartas produzidas em um ambiente institucionalizado e que passavam por uma supervisão antes de serem enviadas, estes materiais não podem ser tomados somente

¹¹ BERTASO, E. [carta] 13 de agosto de 1916, Porto Alegre. BERTASO, Z. 2f.

¹² BERTASO, E. [carta] 16 de julho de 1916, Porto Alegre. BERTASO, Z. 2f.

¹³ BERTASO, E. [carta] 17 de abril de 1917, Porto Alegre. BERTASO, E; BERTASO, Z. 2f.

¹⁴ BERTASO, E. [carta] 20 de junho de 1917, Porto Alegre. BERTASO, E; BERTASO, Z. 2f.

¹⁵ BERTASO, E. [carta] 20 de setembro de 1916, Porto Alegre. BERTASO, Z. 2f.

como uma expressão de sentimentos e tentativas de estreitar relações afetivas. Esse material epistolar é uma construção narrativa e reflexo de um processo formativo ao qual Elza estava inserida, que aparece nos conteúdos expressos e os subentendidos em suas cartas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das cartas e suas publicações dentro historiografia se difundiram a partir dos anos 1980, juntamente com o reflorescimento das narrativas e pesquisas biográficas e autobiográficas. As cartas a partir do século XVIII ajudaram na construção da vida privada burguesa e a presença destes registros em arquivos familiares permite ao pesquisador adentrar em um espaço de transição entre o público e o privado. A manutenção desses arquivos possibilita mostrar esses materiais aos descendentes e possivelmente uma doação a algum arquivo público. As cartas, juntamente com outros arquivos familiares, auxiliam numa monumentalização da história da família. A doação desses arquivos para instituições públicas reflete uma necessidade de preservação e a importância que determinadas famílias dão para estes registros.

O processo de arquivamento geralmente é construído a partir de uma triagem desse material, numa escolha de documentos que se encaixam de maneira positiva na construção da imagem da família. As cartas de Elza Bertaso utilizadas como fontes nesta pesquisa fazem parte do acervo público da Colonizadora Bertaso doado à prefeitura municipal e posteriormente repassado ao CEOM. A patrimonização desse acervo partiu do meio público, indo de encontro com os interesses da família e demonstrando como a história da família se entrelaça com a história do município.

As correspondências de Elza foram produzidas sob a supervisão da escola e não devem ser analisadas como um discurso espontâneo, pois as marcas da normatização nesses materiais transpassam a narrativa do cotidiano escolar. Essas correspondências produzidas durante o período escolar da menina foram tomadas nesta pesquisa como resultados de uma construção social e normatizada do período de sua produção. As evidências da normatização se fazem presentes em quase todas as cartas, são marcas da prática cultural desse tipo de produção; mas as correspondências de Elza trazem ainda elementos de comportamento ensinados pela escola.

Elza recebeu uma educação a partir das perspectivas de uma elite emergente do início do século XX, mas para isso ser possível grande parte de sua infância e juventude foi vivida longe de sua família, pelo fato de sua educação ser em colégios internos. Em um sentido primário as cartas serviam para estreitar laços de relação entre a menina e sua família, por isso o estabelecimento de um pacto epistolar foi importante para a manutenção desse vínculo e na

manutenção da periodicidade desse vínculo.

Como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, as cartas de Elza já foram usadas na pesquisa de sua filha com intenção de biografar a história de seu avô e como fontes, estas podem ser usadas de diferentes maneiras em uma pesquisa. O segundo capítulo discute as fontes dentro da historicidade da cultura epistolar, analisando os processos de produção desse material e importância social que tiveram no período de circularidade. O terceiro capítulo trata da função normatizadora da escola e como essas normas foram apreendidas pela menina Elza, refletindo na padronização social de suas cartas, que deixaram de ser íntimas dado ao aspecto supervisionado de sua produção.

O conteúdo desses materiais vai além de relatos cotidianos, estes documentos expressam os processos de normatização que passam pela escolarização e internalização de modos de civilidade. Seu processo de produção, historicidade e arquivamentos são tão relevantes para a pesquisa histórica quanto seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. v. 11, n. 21. p. 9-34.

CHARTIER, Roger. As Práticas da Escrita. In Ariès, P.; DUBY, G. **História da Vida Privada. Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Cia das Letras, 1991. V.3. p. 112-159.

CHARTIER, Roger. (dir.), **La correspondance**. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO. **Nossa História**. Disponível em: http://www.bomconselho.com.br/submenu_single.php?idSubMenu=28&nmMenu=INSTITUCIONAL. Acesso em: 24 de novembro de 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal. (1920-1960). In: **VI Congresso LusoBrasileiro de História da Educação**. Uberlândia – MG. 17 – 20 de Abril de 2006.

_____. A Escrita Epistolar e a História da Educação. In: **História da Educação. 25º Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Caxambu - MG. 29 de setembro a 02 de outubro de 2002.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler: cartas familiares no século XIX. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et alii (Orgs.). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Francisco Bertaso: de Verona a Chapecó**. Chapecó : Argos, 2005.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKI, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-223.

SALOMON, Marlon. **As Correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. In: **Cadernos de Pesquisa**. nº 107, julho/1999

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense.** Chapecó : Argos, 2008.